

(arquivo wa1)

## PROGRAMAS DE APOIO AOS INDIOS WAIÃPI - Amapá, Brasil

Centro de Trabalho Indigenista  
Conselho das Aldeias Waiãpi / Apina

### Breve informe sobre os índios Waiãpi do Amapá, Brasil

Os Waiãpi tem apenas vinte anos de contato regular com a sociedade brasileira e, comparativamente com outros grupos étnicos, não apresentam crise demográfica, cultural ou territorial, mas constante ameaça de verem esse quadro alterado. A vulnerabilidade maior situava-se, até recentemente, nas condições de saúde relacionadas à sedentarização promovida pelas agências assistenciais. Também se relacionava às constantes ameaças de invasão, que estão hoje controladas por força das atividades de vigilância que os próprios Waiãpi desenvolvem em suas terras.

As atuais iniciativas dos Waiãpi no sentido de restabelecer um padrão de ocupação dispersa foram extremamente bem sucedidas, resultando na expulsão de todos os invasores; ao mesmo tempo, esse modelo de controle territorial reduziu significativamente o quadro anterior de dependências geradas pela estrutura assistencialista que pretendia sedentarizar todos os Waiãpi em torno de postos, sejam da Funai, seja de missões fundamentalistas, como a New Tribes.

A população total da etnia, no Brasil, é de 500 pessoas. Com a retomada do modelo de ocupação dispersa, existem 12 aldeias na área, que foi demarcada e homologada em 1996.

Os Waiãpi criaram, em 1994, um Conselho de chefes que escolheram uma diretoria composta de 7 representantes das principais aldeias da área. O atual presidente do Conselho é Kasiripinã. O Conselho das Aldeias Waiãpi tem registro legal e está se fortalecendo rapidamente. Os Waiãpi também chamam seu conselho "APINA", nome de um antigo sub-grupo da etnia, lembrado pela sua valentia na guerra: eram os Waiãpi que "flechavam longe".

Sua criação vinha sendo discutida há dois anos, para reorientar o relacionamento com as agências que atuam na área e como forma de garantir uma representação mais direta da comunidade junto às autoridades. Se a autonomia é uma reivindicação explícita dos Waiãpi, sua conquista é, por natureza, lenta. Mesmo que a maioria dos Waiãpi ainda tenham uma compreensão limitada da complexidade dos mecanismos de decisão e de representação de nossa sociedade, a criação e o fortalecimento do APINA é um passo essencial neste caminho.

## Atividades do Centro de Trabalho Indigenista na área Waiãpi (\*)

(\*) a respeito do CTI ver texto em anexo

Há vários anos, o CTI desenvolve atividades de assessoria direta à comunidade indígena Waiãpi, atendendo às demandas desses índios nas áreas de regularização fundiária, educação, atividades produtivas e, mais recentemente, saúde.

Esses programas contam com a participação de uma equipe interdisciplinar, que ampliou o acompanhamento antropológico que a antropóloga Dominique T. Gallois vinha realizando desde 1977. A equipe do CTI apoia in loco iniciativas tomadas pelos índios para a defesa de sua terra e para garantir um relacionamento mais equilibrado e autônomo com a população envolvente. As metas desses programas podem ser resumidas como segue:

- Uma escola adaptada à seus interesses e a capacitação instrumental para a gestão de seus próprios projetos culturais e econômicos, foi a reivindicação mais antiga dos Waiãpi. Desde 1992, o CTI mantém um programa de formação de jovens que, hoje, já atuam como professores de suas escolas, intérpretes e secretários do APINA. Inicialmente, contamos com apoio da Fundação Vitae e, atualmente, com financiamentos do MEC e da Fundação Mata Virgem da Noruega.
- As atividades na área de educação e de fortalecimento da autonomia cultural do grupo vem sendo apoiadas, também, pelo Projeto Video nas Aldeias do CTI, que alimenta quatro videotecas nas aldeias e está formando dois cinegrafistas indígenas.
- Outra demanda dos Waiãpi, interessados em incrementar sua pequena produção de ouro aluvionar, foi atendida através do Programa "Recuperação ambiental e controle territorial", financiado pela SEMAM em 1992/93. De fato, desde o início dos anos 80, quando expulsaram a maior parte dos garimpeiros invasores de sua terra, os Waiãpi fisecam ouro, em pequena escala e ritmo sazonal. Como haviam herdado dos garimpeiros técnicas ambientalmente inadequadas, o programa do CTI visou reorientar suas práticas em novos moldes; hoje, os índios continuam garimpando em pequena escala, sem uso de mercúrio e com capacidade para recuperar as áreas trabalhadas. Entre 1994 e 1995, as atividades de assessoria foram sistematizadas, com apoio da Comunidade Européia, na forma de um programa de "Controle territorial e diversificação do extrativismo". A continuidade desse programa, especialmente no que toca à recuperação ambiental das áreas degradadas pelos garimpeiros que invadiram a área nos anos 70, será realizada

com apoio do PD/A, que recentemente aprovou um projeto apresentado e que será executado pelo CTI e pelo Conselho das Aldeias Waiãpi / APINA.

- A demarcação de sua terra era outra demanda que foi atendida em várias etapas de trabalho. A identificação da área, cuja delimitação foi aprovada em 1984 e efetivada em 1985, ocorreu paralelamente ao fortalecimento das iniciativas de defesa territorial colocadas em prática pelos Waiãpi, que expulsaram, no final dos anos 80, todos os garimpeiros invasores de sua terra. A demarcação física foi realizada entre 1994 e 1996, com apoio da Cooperação Técnica do Governo Alemão / GTZ, que financiou o CTI para a coordenação das atividades de demarcação da área, realizada com intensa participação indígena.
- Para apoiar os índios na execução de seu plano de fiscalização permanente nos limites demarcados, o CTI continua assessorando as equipes indígenas de "demarcação" através do programa de "Vigilância da demarcação", financiado pelo PPTAL / FUNAI . Uma das atividades principais neste âmbito é o apoio técnico aos plantios consorciados de cupuaçu e pupunha realizados pelos índios em trechos da picada nos limites leste e sul da área; além de garantirem a visibilidade dos limites, irão se constituir em futura fonte de renda para a comunidade.
- Finalmente, a partir de meados de 1996, o CTI iniciou atividades na área de saúde, através do Programa de Saúde Waiãpi, com apoio do Governo do Estado do Amapá e da FNS, que visa melhorar as condições de saúde nas 12 aldeias da área e reorientar as práticas assistenciais vigentes, de forma a garantir maior autonomia da comunidade. A formação de agentes de saúde indígenas está sendo iniciada através de cursos de capacitação ainda em 1997.

Todos os programas do CTI vem sendo realizados com acompanhamento da FUNAI, através de participação na comissão técnica dos programas. O CTI mantém um convênio para o trabalho de "demarcação, monitoramento e vigilância da Terra Waiãpi" e outro (em fase final de implementação) para as atividades na área de saúde.

O principal resultado e meta permanente de nossas atividades junto aos Waiãpi é garantir a participação da comunidade, capacitando-a para a gestão autônoma de seu futuro. Apoiamos o engajamento dos Waiãpi tanto na produção como na condução de alternativas econômicas - o extrativismo vegetal e mineral, a silvicultura - que foram escolhidas por eles e que estão sendo implantadas num ritmo adequado à suas necessidades e formas de organização social. Para alcançarmos esta meta, de médio prazo, enfatizamos no momento atividades de caráter educacional e, no que toca ao controle territorial, priorizamos além da

demarcação, a implantação de técnicas reparadoras das agressões impostas ao meio ambiente pelas invasões ocorridas nas décadas de 70/80.

A demanda dos Waiãpi, efetivamente, centra-se na autonomia que desejam adquirir em relação ao controle das práticas assistencialistas vigentes. Eles assumem serem capazes de gerir sozinhos estas atividades, mediante capacitação que solicitaram ao CTI fornecer-lhes.

Esta expectativa dos índios e o apoio que o CTI tem oferecido choca-se, entretanto, com visões mais tradicionais a respeito dos "índios", tidos como incapazes de superar a condição de assistidos permanentes. Acreditamos que os problemas de entendimento relacionados aos programas de capacitação do CTI em curso naquela área indígena, demonstrados por quem questiona a capacidade dos Waiãpi em atingir os resultados almejados por estes programas, relacionam-se ao padrão paternalista que o senso comum continua considerando como a única alternativa de futuro para os índios. Esse padrão, entretanto, já demonstrou ser ineficiente e superado, especialmente porque não impediu, em inúmeras áreas indígenas, nem a cooptação e exploração dos índios, nem danos irreversíveis ao meio ambiente

//